

EMPRESÁRIOS

Projetos na Constituinte estão adiando investimentos externos

por Célia de Gouvêa Franco
de São Paulo

A principal preocupação dos empresários estrangeiros que atuam no País — acima das incertezas provocadas pela inflação e pela expectativa de novos "pacotes" — são as propostas em discussão na Assembleia Constituinte que sugerem algum tipo de restrição ao capital externo. A apresentação desses projetos já está provocando pelo menos o adiamento de investimentos estrangeiros.

"Estamos num momento muito perigoso. Certas propostas (levadas à Constituinte) vão espantar investidores em perspectiva", disse ontem o novo presidente da Câmara Americana para Comércio — seção de São Paulo —, R. Christopher Lund, presidente do grupo Lund de Editoras Associadas, eleito há uma semana.

A atual situação da economia brasileira é, obviamente, preocupante. O ex-presidente da Câmara, David Benadof, classificou, por exemplo, de "um desastre" o nível da inflação, que "assusta qualquer um". A possibilidade de que seja elevada a atual carga tributária das empresas — que já não é pequena, segundo Benadof — também é desestimulante, na medida em que contribui para que as perspectivas de lucros, neste ano, sejam pessimistas. "Não seria a primeira vez que se procuraria solucionar um problema da economia (com maior taxaço) sem que se tenha um resultado positivo até agora", comentou Lund. E Benadof

Dow: ainda sem recessão

por Célia de Gouvêa Franco
de São Paulo

"A recessão ainda não chegou ao meu setor, mas está por perto", afirmou ontem o presidente da Dow Química S.A., Richard J. Fieler, eleito há uma semana segundo vice-presidente da Câmara Americana de Comércio para o Brasil — São Paulo. Uma das maiores empresas do setor de química do País, a Dow não constatou ainda redução nos pedidos dos seus clientes, mas já nota que eles estão operando com "um pouco mais de cuidado".

Por enquanto, a empresa não alterou seus planos de investimento para este ano — continua pretendendo aplicar US\$ 40 milhões, embora Fieler considere que talvez não seja possível gastar

todo esse volume diante da dificuldade de comprar algumas peças necessárias para seu plano de expansão. Nesse caso, o investimento será completado no próximo ano.

Também suas importações serão menores neste ano, em parte pelos entraves colocados pelo governo, em parte pela tendência de produzir menos. No caso específico da sua unidade de Aratu, a Dow está sendo obrigada a cortar 14% da sua produção por causa do racionamento de energia.

Fieler encara com tranquilidade o atual clima de incerteza política e econômica: "Não é muito fácil começar uma democracia. E preciso paciência", disse ele, que teme, porém, o efeito recessivo de uma eventual decisão do governo de elevar os impostos.

complementou: "A questão é saber para onde iria esse dinheiro. Para aumentar ainda mais a máquina estatal?"

Todas essas questões, inflação, lucros menores, mais impostos, se tornam, porém, secundárias diante da possibilidade, que consideram remota, de que a Constituinte adote uma postura de "discriminação" — como eles classificam — contra o capital externo.

Benadof teme particularmente a possibilidade de criação de uma nova secretaria de química fina, à semelhança da Secretaria Especial de Informática, que já teria dificultado em muito as relações Brasil-Estados Unidos e o desenvolvimento tecnológico das empresas que operam no País. "A reserva de merca-

do é o pior desestímulo ao investimento", afirmou Benadof.

Os dois empresários entendem, contudo, que a apresentação de propostas contra o capital estrangeiro teria mesmo de ocorrer e que, no final, acabará prevalecendo o "bom senso" dos brasileiros, segundo disse Lund. "O Brasil

passa por uma fase de muita dificuldade. Mas isso não é de se estranhar porque estamos com apenas dois anos de democracia e todos querem participar." O papel da Câmara Americana, nesse contexto, será procurar demonstrar aos constituintes a importância do capital estrangeiro para o desenvolvimento do País.